

Cadernos escolares em arquivos pessoais : mistérios da “caixa de pandora”

Inês Ferreira de Souza Bragança

Professora da Faculdade de Formação de Professores /
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e do Curso de Pedagogia/
Universidade Estácio de Sá
inesbraganca@uol.com.br



desde menina me vi envolvida com a construção de um *arquivo pessoal*, um *coisário* que comporta pequenas e diversas lembranças - cartas, fotografias e cadernos escolares. Instigada pela possibilidade de reabrir os arquivos que, como a “caixa de Pandora”, envolvem o mistério, a busca do novo, fiquei intensamente mobilizada.

Na Europa do século XVI, no ambiente das grandes navegações e dos descobrimentos, encontramos os gabinetes de curiosidades. O cavalheiro ilustrado colecionava objetos raros e os apresentava em momentos especiais:

Os gabinetes de curiosidades eram coleções particulares de coisas admiráveis, um “coisário”, que transportava o colecionador e seus privilegiados convidados, a uma viagem no tempo e no espaço. Mesmo que, em sua maioria, essas “coisas” fossem portadoras de significados culturais internos, não reveláveis ao olhar estrangeiro, seu fascínio enigmático

despertava a curiosidade e a imaginação, os principais ingredientes para a 'admiração'.
(Exposição Coleção João Satamini – MAC)

Objetos excêntricos e alheios ao contexto de vida do colecionador que despertavam curiosidade e admiração tanto do portador como dos convidados. Já o arquivo pessoal é próximo, é autobiográfico - fala da vida do colecionador, de caminhos percorridos, de pessoas, lugares, comemorações. A abertura do coisário e o olhar dirigido aos guardados pessoais, produz, também, estranhamento. Em outros momentos, foi tão próximo: antigos objetos vão sendo aos poucos (re)conhecidos e novas tessituras de significação enlaçadas em histórias e versões.

A participação nesta exposição me levou a esses movimentos. Abri meu “coisário” e dele retirei, especialmente, os cadernos escolares e, nesse momento, me senti como “Pandora”. Conta o mito que ela, quando nasceu, recebeu de Hermes o mensageiro dos deuses, o dom da curiosidade. A menina cresceu e se tornou uma encantadora jovem. Certo dia recebeu em seu palácio um presente de Zeus, um baú trancado à chave que ela não poderia abrir. A caixa era belíssima e ela a admirava todos os dias. Até que não resistiu à curiosidade e abriu a caixa de onde saíram as mais diferentes e estranhas criaturas, mas dentre elas também saiu uma figura translúcida *“a primeira das criaturas que mais tarde os humanos chamariam de fadas”*... (PRIETO, 1997, p. 8 e 9). E foi também assim que vi sair das páginas dos meus cadernos escolares fadas e bruxas - os mais diferentes símbolos de minha trajetória de vida e formação. Apesar de guardados com muito zelo e sempre vistos nos momentos de limpeza e organização, desta vez foram abertos

na busca de novos sentidos e leituras. O presente texto vem, assim, tecer uma narrativa autobiográfica de formação a partir do meu (re)encontro com esses cadernos que acompanharam minha trajetória como estudante.

Após folhear, ler diferentes trechos, emocionar-me e deixar-me envolver pelo desejo de construir novas histórias e sentidos a partir deles, percebi que seria necessário fazer uma escolha de caminhos, e o movimento de análise foi restrito à trajetória escolar, incluindo o primeiro e o segundo segmentos do, então, 1º Grau¹ e o Curso Normal, vividos entre as décadas de 1970 e 1980². De um conjunto de vinte e nove cadernos, selecionei quatro para a exposição, representativos dessas diferentes etapas, contudo, a reflexão toma como base todo o conjunto.

¹ Uso a denominação pertinente à organização do sistema educacional brasileiro no contexto dos anos de 1970 e 1980, ou seja, 1º grau e 2º graus.

² Iniciei a primeira série no ano de 1975 e concluí o Curso Normal em 1987.



Conjunto de vinte e nove cadernos – 1º e 2º segmentos do 1º Grau e Curso Normal.

No artigo “Fragmentos Autobiográficos” (Bragança, 2001), conto a história de meu primeiro dia de aula, no Jardim-de-infância da Colégio Estadual Professor Murilo Braga, em São João de Meriti. Eu tinha cinco anos, chorei muito na fila da entrada, onde uma professora foi chamando cada um por nome, mas o choro não parou aí, prolongou-se... Todos os dias, às 9 horas, ia para o colo da professora Nininha com um aperto no peito e grande desejo de voltar para casa. *“Se comecei com choro, ao longo da minha caminhada escolar fui me identificando com aquele espaço que teve um papel central em todos os outros aspectos da minha vida. São muitas as lembranças da escola, aprendi a gostar de estudar, optei pelo magistério como profissão e até hoje sentar nos bancos da universidade como aluna me dá um grande prazer”* (ibid., p. 110).

Mas, o olhar e a leitura dos cadernos me levou ao encontro de uma lembrança ainda anterior. Foi no bairro de Éden onde morava, na Escola Estadual Professor Alfredo Maurício Brum que vivi minhas primeiras experiências escolares: tive minha mãe como primeira professora e o caderno mais antigo que encontrei registra essa experiência, data de 1974. Ela me deu um uniforme novinho e me levou para a escola. Desse tempo guardo um caderno sem capa, cheio de desenhos livres. Mãe educadora, mãe professora, uma professora meiga, tempo preenche de imagens da docência em construção... Lembro que eu achava que era preciso ser mais “durona” com a turma e com meus alunos imaginários tinha regras bastante rígidas de “disciplina e ordem”.

Depois da experiência no Jardim-de-infância, voltei para o Alfredo Maurício Brum, onde fui alfabetizada e estudei até a terceira série.



Conjunto de cadernos do 1º segmento do 1º Grau.

O mergulho nos cadernos dessa etapa de estudos levou-me ao encontro de uma menina que ficava na “média”, que cometia muitos erros ortográficos, que não gostava de tabuada e não estudava muito em casa; que era filha de uma das professoras da escola. Levou-me ao encontro de uma menina-aluna muito tímida, introvertida, que sentiu vergonha de dançar, em uma festa da escola, com um lindo vestido vermelho, a música “Oh, cupido vê se deixa em paz...”, mas que adorou dançar na festa junina. Uma menina que gostava de escrever – escrevia cartas para os primos que moravam em Bom Jesus do Itabapoana, histórias em um caderno de capa vermelha e textos livres.

O espaço/tempo dos cadernos era sempre muito ocupado com os trabalhos propostos pelas professoras, os textos eram resultados de ditados ou cópias, mas as páginas finais eram como “territórios livres” e foi nesses espaços que consegui encontrar minha escrita pessoal, aquela escrita “subversiva”, porque se colocava fora do planejamento da professora. “O Sítio do Pica-Pau Amarelo” esteve muito presente em minha infância, eu não perdia os episódios na televisão, participei, com ajuda da Tia Glorinha, de um concurso de desenho sobre o programa e, nos cadernos, observei alguns textos dados pela professora sobre esse tema, cópias; mas, nas páginas finais, também encontrei uma produção livre sobre o Sítio. Os desenhos, da mesma forma, constituíam um espaço/tempo de uso “subversivo” dos cadernos. Era no tempo livre que usava o

espaço também livre, no cantinho das páginas, para desenhar - muitos desenhos ilustrativos, um para cada página e que também afirmavam a possibilidade de uso pessoal do caderno de aula.

Desse tempo, lembro-me de professoras afetivas e envolvidas com o desenvolvimento do conteúdo, entretanto, quando fui para a terceira série, já sabia, porque corria na escola, que a professora era muito “brava”. Tia Márcia era muito bonita, jovem, usava calça jeans e não tinha nada de brava; era exigente e chamou minha mãe para conversar: “- Se a Inês não melhorar muito vai perder o ano”. Esta foi uma experiência instituinte de formação - minha mãe me contou, levei um susto e lembro de entrar no quarto dos meus pais com livros e cadernos e marcar no relógio sessenta minutos de estudo, uma hora! Foi um marco de um movimento pessoal cada vez mais sistemático de estudo e que até hoje me acompanha. A professora Márcia me fez refletir e avançar, passei a tomar mais cuidado com a escrita, progressivamente fui caminhando e não foi preciso “repetir”.

Na 4ª série, mudei para uma escola particular, em Nilópolis, o Cetecon, Centro Técnico Congregacional. Era uma escola tão grande..., agora eu estava longe de minha mãe, pegava o ônibus sozinha; passei por algum sofrimento, a adaptação não foi fácil. Não tinha amigas e, no recreio, Tia Madalena era a minha companhia. Aos poucos, fui me chegando a um grupo e fiz boas amizades. Continuei me esforçando mais, estudando, tive dificuldades. Lembro que em uma prova de Matemática fiz e refiz muitas e muitas vezes o trabalho até que a professora disse que estava correto. Os cadernos desse período revelam um processo de crescimento, autonomização - minha

letra foi mudando aos poucos, escrevia com maior organização. Da 5ª à 7ª séries já estava muito enturmada, gostava da escola, fiz curso de datilografia e comecei a estudar violão com o professor Dídimo que era meu professor de música na escola. Continuei sempre passando, fui me tornando uma aluna cada vez mais esforçada...



Imagem 3: Conjunto de cadernos de 5ª à 8ª séries.

Quando passei para a oitava série, minha família se mudou para Niterói e fui matriculada na Escola Estadual Conselheiro Macedo Soares, onde minha mãe foi trabalhar. Um tempo cheio de novas aprendizagens, maior liberdade, uma turma pequena, bons amigos na escola que me

ajudaram a viver essa nova etapa. Agora meu envolvimento com o estudo era grande, fui saindo da “média” e me tornando uma aluna de boas e ótimas notas.

Chegou o tempo de escolha do curso que ia fazer no 2º Grau, a decisão envolveu reflexões, pensei em estudar Química! Mas as conversas com minha mãe foram definidoras - o Curso Normal me daria uma profissão e, depois, eu poderia continuar os estudos em outros campos. Fiz prova de seleção e comecei a estudar no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, a primeira Escola Normal do Brasil. Fui uma aluna muito aplicada, me encontrei, estudava em casa durante horas, todos os dias; os cadernos apresentam uma menina-moça em transformação: letra muito diferente, um cuidado extremo com os cadernos que pode ser observado nas capas, nas margens, nos desenhos. Fiz o curso de 1985 a 1987 e encontro nos cadernos uma grande ênfase na formação técnica dos professores.



Imagem 4: Conjunto de cadernos da Escola Normal.

Tempo de formação para o magistério, de novas experiências e amizades, imagens da docência construídas ao longo de todo percurso escolar dialogavam, agora, com um momento sistemático de profissionalização. Nutri imagens de um processo de ensino-aprendizagem que, se bem planejado, seria “suficiente” para o desenvolvimento da prática educativa. No ano seguinte à minha formatura, fiz concurso e ingressei, em 1988, como professora do Estado, no Município de São Gonçalo, guardei com cuidado os cadernos escolares e passei a escrever cadernos de plano de aula, confrontando imagens construídas com a materialidade da escola, dos alunos, das práticas cotidianas, mas essa já é uma outra história...

Voltando à “caixa de Pandora”, o olhar dirigido aos cadernos escolares me permitiu um reencontro material e simbólico com o passado: escolas, professores, amigos, experiências e lugares permitiram-me construir uma “tessitura de intrigas” que articula uma tríplice mimese: o contexto das ações e experiências vividas, a reconstrução narrativa dessas experiências e a abertura polifônica à interpretação (RICOEUR, 1994). Como os símbolos mágicos da caixa, os cadernos trazem força da formação como trama pessoal-coletiva, falam dos contextos vividos, de tensões, de instituídos e de instituintes da educação brasileira nos anos de 1970 e 1980.

O movimento narrativo vivido na tessitura do texto indica o sentido de *fragmentos de uma biografia educativa*; fragmentos, porque delimitamos um período e focalizamos a escola como espaço-tempo privilegiado, e biografia educativa, porque, ancorada em Dominicé (2000), procurei

retomar, desse espaço-tempo da vida, as experiências instituintes de formação instigada e conduzida pela leitura dos cadernos escolares. A trilha desses caminhos torna visível a contribuição da experiência escolar na tessitura da formação docente e a centralidade dos tempos de escola, como tempos de formação para a vida, indicando lampejos, também, de tensões que entrelaçam história de vida, realidade sócio-histórica e concepções educativas.

Referências bibliográficas:

- BRAGANÇA, Inês F. S. Fragmentos autobiográficos: memória e formação contínua de professores. *Revista Contexto e Educação*, Editora UNIJUÍ, 63, 107-118, 2001.
- DOMINICÉ, Pierre. *Learning from Our Lives: Using Educational Biographies with Adults*. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- MAC – Museu de Arte Contemporânea. Exposição: Coleção João Satamini. Texto não publicado, s/d.
- PRIETO, Heloisa. *Monstros e mundos misteriosos*. São Paulo: Companhia das Letrinha, 1997.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* (Tomo I). Campinas, SP: Papirus, 1994.